



ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA PARANAENSE NO JORNAL GAZETA DO POVO¹

Giovanna Menezes Faria

Paulo Roberto Ferreira de Camargo (Orientador)

Resumo

Este trabalho é um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo que está em desenvolvimento. Com essa pesquisa se busca compreender como um dos principais veículos de comunicação do Paraná aborda e retrata a literatura paranaense e o cenário literário local. Foi empregada uma análise de conteúdo de todas as matérias publicadas em 2016 que tratassem sobre a literatura local, além de uma pesquisa com o público, por meio de um questionário, no qual se buscou observar se há um interesse da população em receber informações sobre o tema. Também são discutidos aspectos do jornalismo cultural e a relação existente entre o jornalismo e a literatura. Busca-se com esse estudo viabilizar a construção de um portal de notícias com entrevistas, reportagens e resenhas que explorem o universo da literatura paranaense.

Palavras-chave: jornalismo cultural; literatura paranaense; mídia local, *site*.

¹ A seguinte pesquisa é proveniente de um Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, de mesma autoria. Para o desenvolvimento deste artigo foram utilizados trechos do trabalho que ainda está em desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Diversos autores paranaenses tiveram destaque nacional e suas contribuições reconhecidas na literatura brasileira. O movimento literário mais expressivo foi o Simbolista, pois foi por meio dele que autores consagrados da nossa literatura passaram a ser reconhecidos fora do estado. Além disso, esse movimento teve o acréscimo da corrente do Paranismo, que tinha por objetivo construir a identidade cultural do povo paranaense. Mais tarde surgiram grupos que combateram essa ideia, sendo o mais famoso aquele que escrevia para a revista Joaquim, liderados por Dalton Trevisan.

Outros grandes nomes da literatura local, são Paulo Leminski, Alice Ruiz, Wilson Bueno, Helena Kolody, Domingos Pellegrini, e atualmente Luci Collin e Luís Henrique Pellanda. A lista continua com outros tantos autores que contribuem para o enriquecimento da cultural do estado.

Por esses motivos, a proposta deste trabalho é compreender se e de que forma a literatura paranaense é abordada pelo jornalismo local. A pesquisa aqui presente é proveniente de um Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, que está em desenvolvimento. Foi realizada uma análise das matérias do jornal Gazeta do Povo, principal veículo de comunicação do Paraná. Essa análise permitiu a observação de problemas na cobertura sobre o tema. Também foi feita uma pesquisa com o público, buscando compreender se há uma demanda por esse tipo de informação.

A discussão desse tema não é somente importante no sentido da valorização da cultura local, mas também porque esse estudo pode contribuir para contribuir para o desenvolvimento do campo do jornalismo cultural, entendido aqui como um importante segmento da imprensa para fidelização do público, principalmente em tempos de crise dos modelos tradicionais de jornalismo.

MATERIAL E MÉTODO

Literatura Paranaense

Para Oliveira (2005), a literatura propriamente paranaense só começou a se formar a partir da sua emancipação de São Paulo, em 1853. Pois, só depois da separação que a então província passou a se preocupar com o seu desenvolvimento social, econômico e cultural. Entende-se por literatura paranaense “o conjunto de obras publicadas por autores que participam da vida social e intelectual do Estado do Paraná, não importando, necessariamente, seu lugar de nascimento” (LIMA, 1998, p.11).

A primeira fase da literatura paranaense foi o romantismo (1853-1895). Porém, as obras desse período não apresentavam características diferenciadas que indicassem uma literatura local. É só com o movimento simbolista que se tem uma manifestação literária de expressão significativa no Paraná, tendo um papel importante na construção da literatura paranaense, principalmente entre os anos de 1895 e as primeiras décadas do século XX.

O movimento foi influenciado por diversas tendências da época, como a “naturalista e simbolista, remanescentes românticos, parnasianos”. Grandes nomes desse período foram Emiliano Pernetá (1866-1921), conhecido nacionalmente como “o príncipe dos poetas”; Dario Velloso (1869-1937), Silveira Neto (1872-1942) e Antônio Braga (SAMWAYS, 1988).

Juntou-se a esse movimento o Paranismo, movimento regionalista de construção identitária, promovido pelos intelectuais e artistas da época, que passaram a desenvolver, por meio de suas obras, a tradição paranaense. Anos depois, essa abordagem seria duramente criticada por Dalton Trevisan em suas obras, principalmente na revista Joaquim.

A Joaquim foi marcou época na vida literária de Curitiba, sendo um instrumento de agitação e tensão cultural da cidade (SAMWAYS, 1988; SILVA, 2016). O principal representante da revista era Dalton Trevisan (1925), um dos maiores escritores da literatura brasileira e paranaense, que, além de editar, foi quem idealizou a revista, que durou 21 edições, entre abril de 1946 e dezembro de 1948.

Nenhuma revista paranaense marcou um momento histórico e cultural como a Joaquim, que também foi responsável por impor o jornalismo cultural do estado no cenário nacional. Mas recentemente, entre 1987 e 1996, circulou

o jornal Nicolau, suplemento cultural idealizado por Wilson Bueno (1949-2010), que também foi um importante canal de divulgação do Paraná.

Na década de 1980, temos a figura de dois poetas de destaque. Helena Kolody (1912-2004) além de poeta, também foi contista, redatora, professora de poesia e literatura (SILVA JÚNIOR, 2006). Porém, foi na poesia que se destacou, principalmente por meio do haikai, “uma forma poética de origem japonesa, cuja característica é a concisão, ou seja, a arte de dizer o máximo com o mínimo” (VANALI, 2016, p. 49), sendo que foi a primeira mulher a publicar haicais no Brasil. Ao longo de sua carreira teve mais de 20 livros publicados.

Outro grande nome da poesia local, talvez o mais conhecido, e que também se utilizou dos haicais, foi Paulo Leminski. Além de poeta, Leminski também escreveu romances, trabalhou como diretor de criação e redator publicitário, o que influenciou seus textos, que possuíam uma forte linguagem publicitária (SAMWAYS, 1988).

Atualmente, o panorama literário paranaense é fragmentado, pois não existe uma comunidade de escritores e nem um movimento artístico definido, como foi o Simbolismo por exemplo. Porém, isso não impede que haja uma geração de escritores bastante consolidada. Entre eles temos a poeta, escritora e tradutora Luci Collin, que já era muito presente no cenário literário desde os anos 1980.

O jornalista e cronista Luís Henrique Pellanda (1973) também já possui uma obra expressiva. Seu primeiro livro de contos publicado foi O macaco ornamental (2009). Também escreveu Asa de Sereia (2013) e Detetive à deriva (2016), usando o cenário de Curitiba como pano de fundo. Outro autor que retrata a cidade em suas obras é Luiz Felipe Leprevost (1979). O autor “mostra os cadáveres ambulantes. Não enfeita a janela pela qual vê o mundo e a cidade. Leprevost escreve de maneira solta, jovem, divertida, sem julgar nada, sem ser moralista” (VANALI, 2016, p. 55-56).

Para compreender melhor com a literatura se insere no jornalismo cultural, alguns aspectos dessa área serão apresentados a seguir.

Jornalismo Cultural

De acordo com Piza (2003), não é possível datar o surgimento do jornalismo cultural. Mas “é certo que o jornalismo cultural existe em virtude de uma demanda social” (ASSIS, 2008, p. 184). Essa demanda surge pela busca das pessoas de um conhecimento comum para gerar uma identificação com uma comunidade (MARQUES DE MELO apud ASSIS, 2008).

Os temas relacionados à cultura são encontrados, geralmente, nos cadernos – “segundos cadernos”, ou ainda “suplementos” – culturais dos jornais, que surgiram com a finalidade de reunir esses assuntos em um só local. É nesses espaços que as obras artísticas são discutidas; as novidades são divulgadas; e onde também reside a avaliação e a crítica da produção cultural.

No Brasil, o jornalismo cultural só começou a se destacar no século XIX. Muitos dos profissionais que trabalhavam nessa área eram escritores, como Machado de Assis (1839-1908), “que começou sua carreira como crítico de teatro e polemista literário” (PIZA, 2003, p. 16). Essa característica se manteve ao longo dos anos, como no caso de Clarice Lispector (1920-1977), que escrevia crônicas semanais no Caderno B, do Jornal do Brasil. Segundo Nina (2007),

A imprensa do início do século XIX foi toda marcada pela atuação de escritores que, naturalmente, aproximavam a linguagem do livro à linguagem do jornal. Literatura e jornalismo se confundiam tanto que, basta lembrar, várias obras clássicas nasceram nos jornais, na forma de folhetins, como foi o caso da produção de José de Alencar e do próprio Machado de Assis (Id, p. 19).

Reflexo desse cenário é que a literatura tinha um espaço muito maior nos jornais. Isso só foi mudar quando o jornalismo se estabeleceu como profissão e criou seus códigos e regras, diferenciando-se assim da literatura, adotando um estilo mais objetivo e claro (TRAVANCAS apud NINA, 2007, p.20).

Com margens definidas que diferenciavam as duas práticas, a literatura passa a ser abordada junto com as demais manifestações artísticas.

Relação entre jornalismo e literatura

A crítica literária feita no Brasil tinha como principal meio de veiculação os grandes jornais e periódicos. As primeiras críticas do século XIX eram marcadas por um “excesso verbal, espécie de cacoete da época”, frases poéticas e usos de trocadilhos. Havia também grande imparcialidade por parte dos críticos, que viam nos jornais um espaço para “elogiar livros de colegas ou, por outra, destruir a obra dos desafetos” (NINA, 2007, p. 21).

Na primeira metade do século XX, as críticas literárias circulavam em larga escala e eram vistas como uma “tarefa de relevância por funcionar como uma das formas de construir um país de leitores, na tentativa de substituir o anterior, basicamente iletrado” (NETO, 2005, p. 12) e também “como forma de enaltecer os sentidos que as manifestações artístico-culturais podem despertar no ser humano” (ASSIS, 2008, p. 184).

Segundo Barbosa (2009), até a década de 1940 predominavam as chamadas críticas de rodapés. Elas eram feitas por intelectuais e oscilavam entre a crônica e o noticiário (BARBOSA, 2009; NINA, 2007). Mas de acordo com Nina (Ibid.),

O tom da crítica, porém, não era muito diferente do usual do início dos 1900. Sem o respaldo de teorias – afinal, ainda não havia faculdades de Letras nem teóricos da disciplina –, os textos ficavam entre o ensaístico e o professoral eram carregados por digressões (Id., 24).

Com o advento das universidades de letras, no início dos anos 1940, os acadêmicos (*scholars*) passaram a defender uma especialização da crítica, pois, para eles, os textos publicados nos jornais eram meras impressões do crítico, sem um embasamento científico e, também, porque o imediatismo das redações não permitia uma maior reflexão sobre as obras (BARBOSA, 2009).

Segundo Neto (2005), nesse período a crítica literária quase que some dos jornais e fica mais restrita aos espaços acadêmicos. Mas, paralelamente a isso, começou no Brasil uma movimentação no mercado editorial, devido à tradução de obras estrangeiras. Isso fez com que os jornais necessitassem de um profissional capaz de “comentar e divulgar” essas obras. Surge então o

resenhista, em sua maioria jornalistas, que tinha a função de “anunciar” os livros, sem refletir sobre as obras e nem medir a sua qualidade.

Esse caráter “propagandístico” das resenhas gerou um empobrecimento da crítica literária veiculada nos jornais, bem como também perdeu seu papel de formador cultural na sociedade. Outro aspecto problemático na visão de muitos especialistas é a falta de preparo dos jornalistas para analisar as obras. Para Francisco de Assis (2008), o jornalista que atua nessa área deve conhecer a fundo seu objeto de análise. Não basta dominar as técnicas jornalísticas “[...] para que desenvolva um trabalho exemplar, cabe a ele o conhecimento e a compreensão das artes e dos fenômenos culturais” (Id., p. 189).

A falta de críticas de qualidade e originalidade dos textos resulta em um público desinteressado, pois o que é publicado não é atrativo nem oferece um olhar diferenciado sobre as obras. Além disso, como a preocupação maior parece ser a de “vender” as obras, isso faz com que não haja espaço para uma diversidade de obras e autores, principalmente se não forem muito reconhecidos pelo público. O que se vê na mídia são autores de sucesso e best-sellers que ganharam o mundo.

Dessa forma, cabe uma análise dos veículos de comunicação, buscando observar que tipo de tratamento é dado a literatura local e se ela ganha evidência, frente aos sucessos do mercado editorial.

Metodologia

Buscando compreender de que forma a imprensa local aborda o tema da literatura paranaense e se de fato há pouca cobertura sobre esse assunto, foi feita uma análise da antiga editoria de cultura plataforma *online* do jornal Gazeta do Povo, o Caderno G. Essa análise compreendeu as matérias postadas entre o período de primeiro de janeiro de 2016 a dezembro do mesmo ano.

O método escolhido para realizar esse estudo foi por meio na análise de conteúdo, pois essa técnica tem como foco o conteúdo das mensagens (TRIVINÔS, 1987). Segundo Bardin (1977) a análise de conteúdo trabalha com

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (Id., p. 38)

Com o material selecionado foi preciso definir a unidade de análise da pesquisa, que nesse caso se trata de um tema, que é a literatura paranaense. Sobre esse assunto foram encontradas 54 matérias.

Uma vez que o objetivo da análise é compreender se há e de que forma a literatura é abordada no jornal, os critérios de análise estabelecidos foram quanto ao formato do texto, frequência, tamanho, presença de imagem e de outros recursos e os tipos de abordagem. Com a descrição dos textos, por meio desses aspectos, foi possível obter resultados que demonstram que há pouca cobertura sobre a literatura paranaense e, que quando ela é feita, abordagem é simplista.

Além disso, a análise contribuiu também para um mapeamento de estratégias e conteúdos para a realização de um *site* de notícias sobre literatura paranaense. Por esse motivo, também houve a necessidade de realizar uma pesquisa com o público, para ver o interesse do mesmo por informações dessa área.

O modelo de pesquisa escolhido foi o qualitativo, por meio de um levantamento de dados, com a aplicação de um questionário. Segundo Gil (2008), essa técnica tem “o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.” (p. 121).

A vantagem desse tipo de pesquisa é que ela atinge um grande número de pessoas e limita a interferência da subjetividade do autor, uma vez que as pessoas gozam de anonimato e são elas próprias que informam seus hábitos e opiniões. Além disso, esse mecanismo oferece respostas mais rápidas e precisas (GIL, 2008; MARCONI, LAKATOS, 2003).

O questionário foi aplicado na internet, por meio da ferramenta Formulário do Google Docs. Foram elaboradas perguntas fechadas, que

“conferem maior uniformidade às respostas e podem ser facilmente processadas” (Ibid., p.123) e perguntas abertas, que possibilitam maior liberdade para a resposta e resulta numa investigação mais profunda da real opinião de quem está respondendo. A pesquisa ficou disponível de 20 de março a 1º de abril de 2017. Nesse período, 100 pessoas responderam ao questionário.

RESULTADOS DA ANÁLISE DO JORNAL GAZETA DO POVO

O seguinte levantamento e posterior análise fazem parte de um Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, que visa a construção de um *site* de notícias sobre a literatura paranaense. Os resultados aqui expostos representam uma parte desta pesquisa.

Foram encontradas um total de 283 peças em todo o ano de 2016. As peças foram analisadas pelo valor notícia de proximidade, para ver se o jornal privilegia a produção de conteúdo sobre os escritores e cenário literário local, em detrimento de autores, obras e eventos nacionais e internacionais. As peças foram divididas nas categorias de Internacional (74); Nacional (145); Local (64).



Gráfico 1 – Valor notícia de proximidade.

Percebesse que o número menor de peças são as que correspondem ao âmbito local. Em uma análise mais detalhada, observasse ainda que, dessas 64 matérias, sete peças tratam sobre autores nacionais e uma de autor internacional que estão lançando livro em Curitiba. Duas peças abordam obras de autores nacionais que de alguma forma tem relação com o cenário local.

Dessa forma, considerando apenas as obras que tratam sobre obras e autores paranaense, temos 54 peças. O conteúdo dessas peças também foi analisado. Foram encontrados os seguintes gêneros textuais: notas, notícias, reportagens, resenha, lista e entrevista pingue-pongue. Isso possibilitou compreender quais os tipos de formatos mais usados para se referir ao tema.

As notícias serão as matérias de caráter mais factual, que tem como base o lead (GOMES, 2009; SALVADOR, SQUARISI, 2005). Já as reportagens exigem um texto mais aprofundado, ampliando o olhar do fato, para suas repercussões e consequências (MARQUES DE MELO, 2003). Já a resenha servem para “orientar o público na escolha dos produtos culturais em circulação no mercado”, sem ter “a intenção de oferecer julgamento estético” (Ibid., p. 132). A entrevista no formato pergunta-resposta é centrada em um ou mais personagens e possibilita uma interação social direta do entrevistado com a coletividade (MEDINA, 2008, MARQUES DE MELO, 2003). Já as listas, trazem informações superficiais sobre um determinado tema, sendo apenas uma listagem de informações.

Dos 54 textos analisados na Gazeta do Povo, 25 peças são notícias, seguidas por 18 reportagens, quatro notas, três resenhas, duas entrevistas e duas listas. De acordo com as definições dos formatos, é possível observar que o modelo preferido foi o que permite a apresentação dos fatos, de forma direta, com um texto mais curto, com pequenos trechos de entrevista.

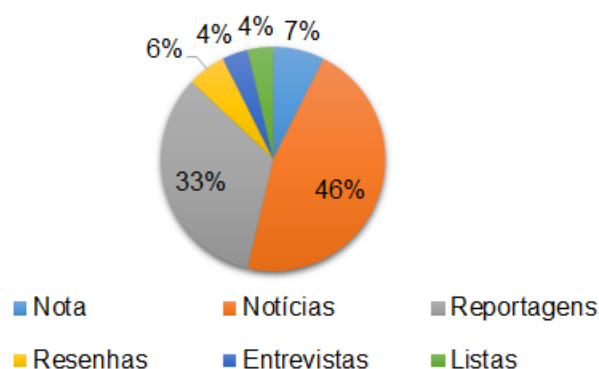


Gráfico 3 – Formato jornalístico das peças.

Por fim, na análise também se buscou observar qual o foco principal dos textos, com o objetivo de compreender qual o tratamento dado ao tema da literatura paranaense. Foram identificados a abordagem que se refere a eventos (16 peças), lançamentos (13 peças), livro (11 peças), projetos (6), o autor (5 peças), e, por último, a adaptação (3), nesse caso um filme e um jogo.

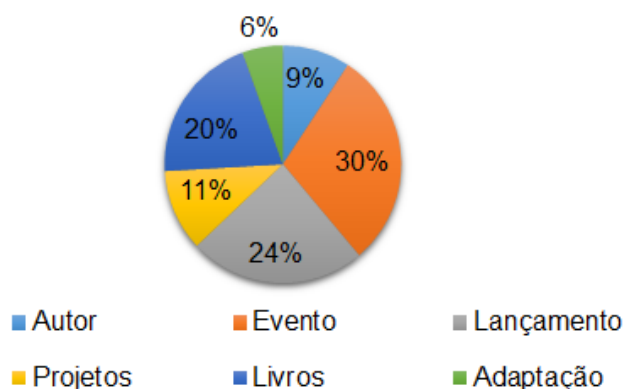


Gráfico 4 – Distribuição das matérias por temática.

RESULTADO DA PESQUISA COM O PÚBLICO

Responderam ao questionário *online* 100 pessoas. Visando traçar um perfil dos entrevistados, foi perguntado a idade, sexo e escolaridade. A maior parte dos entrevistados se encontra na faixa etária dos 21 e 20 anos, totalizando 41% das respostas. Quanto ao sexo, o público-alvo é majoritariamente feminino com 73%. Apenas 27% dos entrevistados são do sexo masculino. A pesquisa também apontou que o público em sua maioria é de universitários (35%) e pessoas já formadas (44%), totalizando 79% das respostas.

Por meio de perguntas de múltipla escolha foi buscado descobrir por qual meio as pessoas buscam se informar e que tipo de informação procuram sobre literatura. A primeira foi dividida em sete meios, e apontou que o público se informa por *sites* (70%) e pelas redes sociais (64%) principalmente. Em seguida as pessoas buscam por jornal *online* (42%), blogs (41%), revista (26%), televisão (22%), jornal impresso (15%), rádio (10%), e outros (9%)

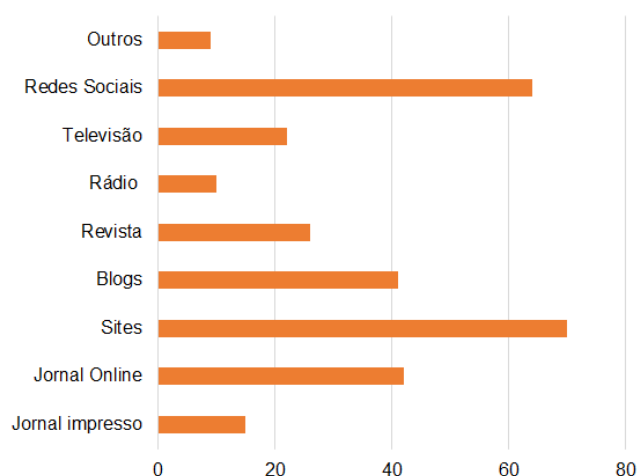


Gráfico 5 – Meios usados para busca de informação.

As informações mais buscadas são sobre lançamentos (59%) e reportagens (55%). Críticas (46%) e resenhas (44%) também são bastante procurados. Já a agenda de eventos (18%) não é preferência dos participantes.

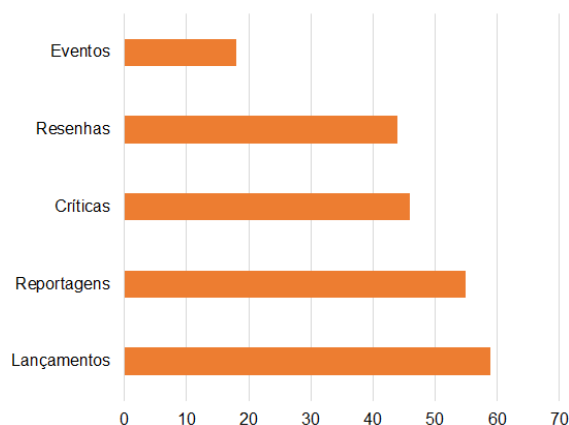


Gráfico 6 – Tipo de informação mais buscada.

Procurando saber qual o conhecimento do público sobre a literatura paranaense, 70% dos participantes responderam conhecer algum autor paranaense e 61% afirmou já ter lido alguma obra.

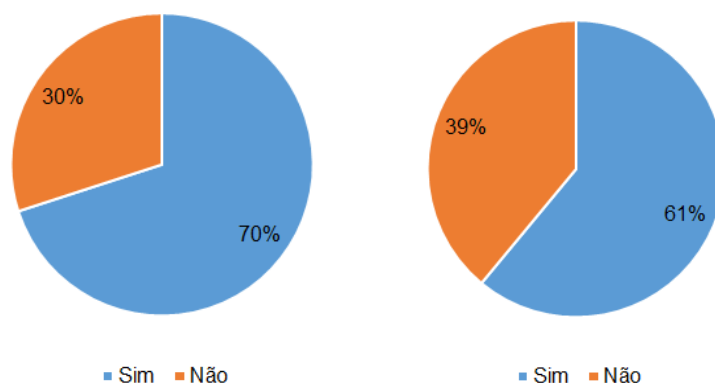


Gráfico 16 – Conhecimento sobre os autores. Gráfico 17 – Conhecimento sobre as obras.

Os autores mais citados, foram Dalton Trevisan (28 vezes), Helena Kolody (15 vezes) e Paulo Leminski (23). Um dos participantes também enumerou as autoras que fazem parte do Coletivo Marianas, que se reuniram para publicar uma série de livros.

Dentre as obras conhecidas pelo público, cinco participantes citaram “O Vampiro de Curitiba” de Dalton Trevisan e uma vez “Em busca de Curitiba perdida” do mesmo autor; também foram citadas “Dinamite – uma tragédia em Curitiba”, de Anna Carolina Azevedo (duas vezes); “Nossa Senhora D’aqui” e “Querer falar”, de Luci Collin; “O filho eterno” e “O fotógrafo”, de Cristovão Tezza; “Detetive à deriva” de Luiz Henrique Pellanda; “O mez da gripe”, de Valêncio Xavier; “O esculpidor de nuvens”, de Otávio Linhares; “A árvore que dava dinheiro”, de Domingos Pellegrini; “Curitiba e o mito da cidade modelo”, de Dennison de Oliveira; “2 em 1”, de Alice Ruiz; e “Lendas Curitibanas”, de Luciana do Rocio Mallon.

Os participantes também foram questionados se conheciam algum veículo de comunicação que abordasse esse tema. A maioria disse não conhecer nenhum *site* ou *blog*, totalizando 92% das respostas. Entre os produtos apontados, encontra-se o *site* “A Escotilha”, um portal independente que trata sobre jornalismo cultural. Mesmo publicando algumas matérias sobre literatura paranaense, esse não é o foco do veículo, que também discute teatro, cinema, literatura em geral, entre outros temas da esfera de cultura. O jornal Cômico, Rascunho e O Relevô também foram apontados. O *site* do Coletivo Marianas foi citado, porém ele é uma página institucional do projeto, que

divulga apenas informações sobre o projeto e os trabalhos feitos pelas participantes.

Com a análise dos resultados da pesquisa é possível observar que a maioria dos participantes conhece um pouco sobre a literatura paranaense, mas esse saber se limita aos autores consagrados e obras mais conhecidas. Pouco se sabe sobre os escritores da atualidade, que não possuem tanta visibilidade na mídia.

Além disso, poucos são os veículos que abordam esse tema e, quando tratam, geralmente é para a divulgação de textos e não para notícias. Percebe-se que há interesse e espaço para um produto jornalístico que trate sobre a literatura paranaense de forma mais ampla e que ofereça um conteúdo variado em suas abordagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O hábito de leitura é de extrema importância para a formação intelectual e social do indivíduo. É por meio da leitura que o ser humano aprimora sua capacidade verbal, seu senso crítico, além de todo o conhecimento que pode ser absorvido. E isso não é só com textos e livros acadêmicos ou de estudo, mas também a literatura ficcional pode proporcionar esses saberes e ser uma fonte prazerosa de lazer.

Além disso, a literatura também é uma forma de expressão cultural de um povo, que deve ser conhecida e preservada. Obras regionais conservam aspectos sociais de uma época e local, que podem ser passados de geração em geração, sem nunca perder sua importância histórica.

Contudo, com base na análise da Gazeta do Povo *online* foi possível perceber que o jornal não prioriza o tema da literatura paranaense, uma vez que no período de um ano, apenas 54 peças tratavam sobre essa temática, dentre as 283 matérias postadas no caderno cultural sobre literatura. Um fator que chama atenção, é que, embora estivesse ocorrendo a Bienal Literária de Curitiba nos meses de novembro e dezembro, nenhuma matéria abordou o evento.

Quanto ao conteúdo, os textos em sua maioria não geravam nenhum tipo de reflexão, se limitando ao breve resumo da obra e apresentação do autor, intercalado por aspas dos entrevistados. Também, nenhum dos repórteres optou por escrever um texto com um estilo diferenciado que pudesse atrair a atenção do leitor, optando por um tratamento mais tradicional.

Um dos fatores positivos apontado pela análise foi a variedade de autores e obras citadas. Dessas 54 peças, só sete se repetiram. Três matérias eram sobre Cristovão Tezza e suas obras; duas sobre Luís Henrique Pellanda, que tratavam de seu último lançamento e um curso que iria ministrar; e duas peças sobre os irmãos Magno e Marcelo Costa que estão trabalhando em uma releitura dos quadrinhos da Turma da Mônica, uma matéria focou no projeto e a outra nos autores.

Por esses motivos torna-se relevante observar de a mídia local vem dando espaço para esse tipo de tema em sua cobertura e de que forma essa área está sendo abordada. Além disso, é uma forma de contribuir para o desenvolvimento do jornalismo cultural pois, por meio da observação e análise dessa cobertura é possível desenvolver novos mecanismos para divulgar a literatura e gerar uma maior interação com o público.

Referências

ASSIS, Francisco de. Jornalismo Cultural brasileiro: aspectos e tendências. Revista de Estudos da Comunicação, Paraná, 9 vol., nº 20, p. 183 – 192, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/comunicacao?dd99=pdf&dd1=2633>> Acesso: 01 de setembro de 2016.

BARBOSA, Sílvia Michelle de Avelar Bastos. O espaço da crítica literária: a academia e os rodapés. Darandina Revista Eletrônica, v. 2, n. 1, 2009. Programa de Pós-Graduação em Letras / Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/artigo05.pdf>>. Acesso em 2 de novembro de 2016.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTELLA, Alessandro. O Paranismo e a invenção da identidade paranaense. Revista Eletrônica História em Reflexão, Dourados (UFGD), v. 6, n. 11, jan/jun 2012.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Fábio. Jornalismo cultural. Brasileirinho Edições, 2009. Disponível em: <<http://www.jornalismocultural.com.br/jornalismocultural.pdf>>. Acesso em: 26 de maio de 2017.

LIMA, Marcelo Fernando de. A Poesia de Sérgio Rubens Sosssélla. 1998. p. 1-39. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários, Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Paraná, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES DE MELO, José. Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

NETO, Miguel Sanches. Crítica e função social. Revista Trama, Cascavel, v. 1, nº 1, p. 11 – 20, jan./jun. 2005. <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/download/594/493>> Acesso: 27 de agosto de 2016.

NINA, Cláudia. Literatura nos jornais: A crítica literária dos rodapés às resenhas. São Paulo, SP. Summus 2007.

OLIVEIRA, Luiz Claudio Soares de. Joaquim contra o Paranismo. 2005. p. 1-77. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários no Curso de Pós-Graduação de Letras, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Paraná, 2005.

PIZA, D. Jornalismo cultural. São Paulo: Ed. 2. Contexto, 2003.

SAMWAYS, Marilda Binder. Introdução à literatura paranaense. Curitiba: HDV, 1988.

SILVA JÚNIOR, Sérgio Gabriel da. Grandes Obras Literárias. 2006. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo – Complexo de Ensino Superior do Brasil, Paraná, 2006.

SILVA, Lia Maria de Souza da. Falar de Joaquim é falar de Dalton! Revista Núcleo de Estudos Paranaense (NEP), v. 2, n. 3, p. 314-330, junho 2016. Disponível em: < <http://revistas.ufpr.br/nep/article/view/47261> > Acesso: 30 de março de 2017.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Aríete. A arte de escrever bem: um guia para jornalistas e profissionais do texto. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VANALI, Ana Crhistina. Um passeio pela literatura paranaense. Revista Núcleo de Estudos Paranaense (NEP), v. 2, n. 3, p. 249-313, junho 2016. Disponível em: < <http://revistas.ufpr.br/nep/article/view/47260/28308> > Acesso: 22 de março de 2017.